



Ser católico

Carta Pastoral do Bispo de Mainz,
Peter Kohlgraf,
para o tempo da Quaresma de 2020

Tradução:

Leandro Luis Bedin Fontana
e Claudia Fontana

Umschlagmotiv:

Detail aus dem Altar-Glasgemälde „Verwandlung“
in der Jakobuskrypta (geweiht 2006) von „Hl. Dreifaltigkeit“ in Offenbach;
weitere Bilder beziehen sich auf die Sakramente der Kirche
(S. 4, 6, 8, 9, 11 Details aus: Buße, Taufe, Eucharistie, Priesterweihe, Ehe).
Glasmalerei und Fertigung von Robert Münch (geb. 1949), Groß-Umstadt.
Wir danken sehr für die Abdruckgenehmigung.

Herausgeber:

Bischöfliche Kanzlei/Publikationen Bistum Mainz 2020
Bischofsplatz 2, 55116 Mainz
Fotos/Layout: B. Nichtweiß

Eine Version in Leichter Sprache sowie Übersetzungen in Sprachen von Gemeinden
anderer Muttersprache im Bistum Mainz, Fürbitten, Online-Fassung, Video
und weitere Informationen stehen zur Verfügung unter

bistummainz.de/fastenhirtenbrief-2020

Herzlichen Dank für alle Hilfe bei den Übersetzungen!

Queridos irmãos e irmãs da diocese de Mainz!

Qual é a tua fé? – Num de seus programas de cabaré, o comediante Konrad Beikircher faz essa pergunta a um renano que, por sua vez, assim responde: “Normal.” Com isso, ele refere-se, obviamente, à fé católica. Essa é a “fé normal” para alguém natural da Renânia. Vale lembrar: trata-se, aqui, de um programa de cabaré.

As cristãs e os cristãos dos primeiros séculos teriam respondido com a mesma autoconfiança. Eles se declaravam católicos e isto significava, para eles, pertencer a uma comunidade de fé que abrangia todas as pessoas e o mundo inteiro. Não lhes era possível imaginar algo diferente. E assim foi, com altos e baixos, por muitos séculos.

Hoje, a situação é, obviamente, diferente. Nem mesmo o simpático renano, apesar de continuar pertencendo à Igreja Católica, confessa com a mesma naturalidade a sua fé “normal”. Quem se acha estar bem lá no alto, pode ter uma queda ainda maior. Essa é a minha percepção, bem como a de muitas outras pessoas que lutam por causa de sua fé, dada a situação da Igreja Católica.

Ao querer refletir, nesta carta, sobre as partes mais atrativas da minha Igreja, não o faço para amenizar os seus lados negativos: o pecado e muita escuridão têm marcado a vida diária da Igreja, e, não obstante todos os esforços genuínos, este lado jamais poderá ser eliminado. Minha reflexão não deve, tampouco, ser interpretada como uma espécie de desvalorização de outras igrejas ou denominações. No entanto, o cristianismo só existe em formas concretas de expressão confessional. E a tradição católica marca a minha história e a minha vida cotidiana. Não consigo imaginar a minha vida sem ela.

Sempre houve, no decurso da longa tradição da Igreja, teólogos e teólogas que empenharam-se em encontrar imagens para o ser católico. Uma delas é a imagem dos braços abertos e bem estendidos do Cristo crucificado, que quer atrair a si todas as pessoas. Eles remetiam ao seu coração aberto, do qual brotam os sacramentos da Igreja. Ser católico sempre significou, também, suportar tensões, enfrentar as questões do mundo, fazer uso do próprio coração e da própria mente e sentir-se amado por Cristo. Ser católico significa, outrossim, desejar essa experiência a todas as pessoas, e não retirar-se, egoisticamente, no próprio mundo de fé.



Quero explicar, brevemente, o que me levou a escolher este tema para a carta pastoral deste ano. Na Igreja Católica da Alemanha, encontramos-nos no início do “Caminho Sinodal”, que está a ocupar-se com questões latentes há muito tempo. No pano de fundo, estão os crimes de abuso sexual cometidos pelo clero a crianças e a demais pessoas a ele confiadas. Nos vários fóruns do Caminho Sinodal, trataremos de questões de poder, de moral sexual, do estilo de vida sacerdotal e do papel das mulheres nos serviços e ministérios na Igreja.

Sempre me espanto quando, em diferentes contextos, vozes agressivas pedem aos que reivindicam mudanças que deixem a Igreja e se tornem protestantes, uma vez que lá todas as suas exigências seriam cumpridas – e os irmãos e irmãs protestantes não estão de modo algum numa situação melhor que a nossa.

O que nos distingue, então, enquanto católicos? Será que pertence a nossa identidade essencial de católicos não ordenar mulheres, considerar a sexualidade praticada fora do casamento como pecado, que os sacerdotes não podem casar-se e que nós, bispos, não permitimos nenhuma forma de controle sobre o nosso ministério? Certamente, esses são os temas mais conhecidos, que muitos associam à Igreja Católica. Mas será que tudo isso me ajudará, no meu leito de morte, quando eu estiver às vésperas do encontro decisivo da minha vida? Será que Deus é tão pequeno como nós, humanos, frequentemente o fazemos através de nossos limites, regulamentos e normas?

Estas perguntas são sérias. Afinal de contas, a minha identidade católica não pode ser, em primeiro lugar, a proibição, a prevenção, o apego aos poderes do ministério. E aqui não estou a propor o cumprimento de todas as expectativas desprovido de reflexão crítica. No entanto, é muito raro que uma busca positiva da identidade católica ocupe um lugar de destaque em nossos debates. Nós segregamos. E quantas vezes nega-se àqueles que têm dificuldades com o tradicional o direito de ser católico! Preocupam-me o tom agressivo e os julgamentos duros a respeito dos outros. Com uma presença tão agressiva na esfera pública, não motivaremos ninguém a se deixar tocar pela beleza do Evangelho. Como Bispo, convido ao desarmamento verbal e ao retorno ao essencial.

Mas o que significa, afinal, “ser católico”?

A mim ajuda uma olhada no “Catecismo da Igreja Católica”. Nele, são mencionados quatro critérios para a Igreja enquanto “Igreja Católica”: credo, experiência dos sacramentos, ministério apostólico e tradição bem como a unidade da Igreja universal (CEC 830-856).

A fé comum

O credo que rezamos na missa (e que nos une a outras igrejas cristãs) resume a nossa fé. A fé cristã não é arbitrária, ela tem um conteúdo. Os textos das confissões de fé e dos dogmas são resultados de longas disputas. Eles não surgem, simplesmente, em gabinetes fechados de estudo; são, antes, o resultado de uma busca intensa e de uma profunda experiência de fé.

Quando olho para o Novo Testamento, vejo os quatro evangelhos, as diversas cartas dos apóstolos e outros textos. As abordagens de Jesus Cristo são múltiplas. No início não existe um dogma único, mas diversas experiências com o Ressuscitado. Quando rezamos o “credo” – o “eu creio” –, não se trata de um texto abstrato que resume conhecimentos. Para mim, ele se torna cada vez mais o meu credo pessoal: “Eu creio em ti, Pai; eu creio em ti, Filho; eu creio em ti, Espírito Santo; da vossa comunhão brota a Igreja, o perdão dos pecados, a ressurreição dos mortos e a vida eterna.”¹



É a confissão pessoal do batismo que aqui entra em jogo. Por mais diversas que sejam as experiências de fé, há algo que as une: “Jesus Cristo fez-se carne”. Ele se tornou homem. Segundo a primeira carta de João, a fé católica depende dessa confissão (1 Jo 4,2). Nas grandes orquestrações musicais do credo, sempre se enfatiza o “et

1 Devo essa compreensão ao Pe. Reinhard Köerner OCarm.

incarnatus est – e fez-se carne”. Se Deus se faz carne em Jesus, a fé católica é sensível, é a afirmação da vida, é a valorização do corpo e do ser humano. Ser católico significa crer e celebrar Deus com todos os sentidos. Nosso ano litúrgico é colorido, celebra a vida em abundância (Jo 10,10). A missa católica é colorida, é marcada pela palavra, pela música, pelo sacramento, pela diversidade das pessoas, pelo perfume do incenso e das flores, pela luz, pelas cores e muitas outras coisas. Ser católico só é possível como pessoa inteira, com corpo e alma. À minha tradição católica associo peregrinações, diferentes formas de celebrações, uma visão positiva das pessoas e da sua capacidade de fazer o bem e uma atitude fundamentalmente positiva em relação à vida. Até mesmo o carnaval tem uma proximidade inconfundível com a alegria católica pela vida. No final da vida, eu espero a ressurreição do corpo e uma comunhão eterna com o Deus trino em comunhão com todos os santos.

A experiência dos sacramentos

Os sacramentos vivem do sinal e da palavra pronunciada. São toques de um Deus amoroso, sinais de sua proximidade.² Quando Deus ama o ser humano, ele não apenas diz isso, mas mostra-o em seu toque. Estes são os sacramentos da Igreja. Eles acompanham o fiel desde o seu nascimento, perpassam as fases do crescimento e amadurecimento, chegando até à doença grave e à morte. Eles são alimento e fortalecimento na jornada da vida. Deus jamais abandona as pessoas, nem mesmo na situação de culpa. No sacramento do matrimônio, os próprios amantes tornam-se um sinal sacramental, ao dar-se um ao outro e ao transmitir vida e amor. Na ordenação, Cristo coloca pessoas fracas a serviço da comunidade.

2 Theodor Schneider, Zeichen der Nähe Gottes. Grundriss der Sakramententheologie, 72009.



Ser católico significa deixar-se tocar pelos sacramentos. A vida torna-se grande e infinita. Como nos diz o Papa Francisco: os sacramentos não são uma recompensa para os perfeitos, mas um remédio para os fracos³.

Ministério e Tradição

A Sagrada Escritura é o fundamento da nossa fé. O ministério e a tradição nos ligam às origens da Igreja. Ao ser católico pertence, também, a reverência por aqueles que creram antes de nós. O ministério eclesial representa Cristo no centro da Igreja. Por outro lado, a tradição, enquanto obra do Espírito de Deus, não pode ser compreendida apenas como a transmissão de fórmulas e frases rígidas. Há, evidentemente, um fio condutor nas mudanças dos tempos: a fé em Cristo, em quem o amor de Deus se revela. É claro que muitas coisas mudaram nos últimos 2000 anos. A fé não é uma pedra morta. É possível que, para testemunhar Cristo hoje, algumas formas tenham que mudar para manter a relevância e autenticidade da mensagem. A mera imutabilidade pode produzir um efeito completamente contrário, a ponto de a fé desaparecer em razão de sua insignificância. Transformar a Igreja num pequeno grupo de beatos autoproclamados não pode ser a finalidade do anúncio da Igreja.

3 Cf. Evangelii Gaudium 47.

Encontramo-nos, hoje, diante de uma árdua tarefa, que aqui só pode ser mencionada brevemente: como encontrar formas de evangelização que tornem a verdade de Deus, aqui e agora, viva e convincente. Fazer com que a verdade eterna de Deus brilhe pode exigir mudanças nas formas de proclamação, nas estruturas da Igreja e na linguagem: pois as pessoas e seus horizontes mudam constantemente. O que pertence à natureza da Igreja e o que precisa ser mudado só pode ser descoberto ao longo de caminhos de fé partilhados e através de processos de discernimento espiritual. São tais processos que queremos efetuar, na Alemanha, dos quais, aliás, tampouco a Igreja universal poderá ser preservada.

O Papa e a Igreja Universal

Uma identidade católica sem uma vinculação ao Papa não pode existir. Também a Igreja da Alemanha só pode permanecer católica em unidade com o Papa. E isso vale, em todo o caso, não apenas quando o Papa confirma a nossa ou a minha opinião pessoal. Ser uma Igreja universal é uma riqueza enorme, em razão de que outros, inclusive, nos invejam. O próprio Papa Francisco tem repetidamente apontado para a tensão entre a Igreja local e a Igreja universal; tem incentivado uma maior diversidade e menos centralização. O que isto pode significar em termos concretos deve ser discutido e experimentado em muitas questões. Ser católico, enquanto Igreja universal, só é possível na diversidade das culturas e na unidade da fé.



Faço votos para que, com a ajuda de Deus, permaneçamos realmente católicos. Não excluindo, mas acolhendo, sendo amáveis com as pessoas, de braços abertos, com um coração grande e uma mente aberta. Abertos a coisas novas e fiéis à antiga mensagem, promotores da vida e interessados em tudo o que o mundo bom de Deus nos tem a oferecer. Claros na confissão de seu amor em Jesus Cristo, críticos em relação a tudo o que prejudica as pessoas e questiona a glória de Deus. Para mim, isso é ser católico.

Paremos de negar a identidade católica uns aos outros, porque algumas pessoas, na Igreja, fazem perguntas e procuram caminhos novos. Paremos de desprezar aqueles que têm dificuldades com o novo. Tudo isso só é possível na confiança, no amor e no respeito mútuo. Pouco antes do fim da Primeira Guerra Mundial, Edith Stein escreve à sua irmã Erna: “Quero ensinar-te a fé de que o desenvolvimento cujo curso só podemos prever dentro de limites muito modestos e determinar em limites ainda mais modestos é, no final das contas, bom.”⁴

Que, em nossos caminhos, abençoe-nos o Deus trino, o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

+ Peter Kohlgraf

+Peter Kohlgraf
Bispo de Mainz

Mainz, 1º domingo da Quaresma de 2020

4 Brief an Erna Stein, 6.7.1918 (Edith Stein Gesamtausgabe Bd. 2 [Selbstbildnis in Briefen 1, 1916-1933], Freiburg u.a. 92010, 31f.).



“Faço votos para que, com a ajuda de Deus, permaneçamos realmente católicos. Não excluindo, mas acolhendo, sendo amáveis com as pessoas, de braços abertos, com um coração grande e uma mente aberta.”

